

## GRUPO DE DISCUSSÃO SOBRE MASCULINIDADES NA UNICAMP: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO

Marco Túlio Pena Câmara<sup>1</sup> – IEL/Unicamp

Victor Schlude<sup>2</sup> – IEL/Unicamp

Gabriel Lopes Cavalcanti<sup>3</sup> - FEC/Unicamp

### Resumo:

O presente texto é um relato de experiência sobre o *Homine* – grupo de discussão sobre masculinidades. Criado no início de 2019, o grupo, sediado na Unicamp, reúne homens de diversas idades e formações a fim de refletir sobre os impactos que a masculinidade tóxica exerce no nosso cotidiano e sociedade. Partimos de uma concepção socioconstrucionista de gênero, compreendendo que tanto gênero quanto sexualidade são construtos culturais e políticos. Isso significa dizer que os gostos e preferências de dado gênero são aprendidos e reforçados ao longo de nossas vidas. Nesse sentido, grupos e projetos de reflexão sobre masculinidades se propõem a problematizar a relação dos sujeitos com ideias cristalizadas sobre uma única masculinidade, ampliando, assim, as possibilidades de ser homem. Pretende-se, com o grupo, fomentar as discussões sobre as masculinidades não só em âmbito acadêmico, mas também a partir de ações que integrem a Universidade à sociedade, sempre em consonância com os interesses e necessidades dos participantes, respeitando os estudos acerca do tema, firmando o papel social da Universidade Pública e gratuita em expandir e divulgar seus conhecimentos a partir dos impactos sociais que sucedem de suas ações.

**Palavras-chave:** Masculinidades. Gênero. Sexualidade. Grupo de discussão.

**Abstract:** The current text is an experiment report about *Homine* - discussion group on masculinities. Created in the beginning of 2019, the group, held at Unicamp, gathers men of different ages and qualifications in order to reflect upon the impact that toxic masculinity exerts in our daily life and society. We assume a social constructionist perspective on gender, understanding that both gender and sexuality are cultural and political constructs. This means that tastes and preferences of a given gender are learned and reinforced throughout our lives. In this sense, discussion groups and projects which deal with masculinity are able to problematize the relation of subjects with crystallized ideas of a single masculinity, widening, therefore, their possibilities of being a man. Our objective with the discussion group is to promote discussions on masculinity not only in the academic environment, but also from actions which integrate the university with society. We understand that this integration must always prioritize the interests and needs of the participants, also respecting the studies of the field, and guaranteeing the social role of the public university in expanding and publicizing its knowledge from the social impacts which derive from its actions.

**Keywords:** Masculinities. Gender. Sexuality. Discussion groups.

### Introdução

Discutir as masculinidades possíveis na sociedade e qual o papel do homem no combate ao machismo. Esses são alguns dos objetivos do grupo de discussão sobre masculinidades na Unicamp, criado no fim de janeiro de 2019. O agrupamento surgiu como proposta após a publicação de uma notícia sobre o tema no grupo de *Facebook* da Unicamp, o que motivou a

<sup>1</sup>Doutorando em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e Jornalista pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bolsista CNPq.

<sup>2</sup>Mestrando em Linguística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. É formado em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq.

<sup>3</sup>Graduando em Engenharia Civil na Universidade Estadual de Campinas.

criação do grupo de masculinidades nessa rede social digital. Com o objetivo inicial de reunir homens interessados em discutir masculinidades e suas repercussões sociais, políticas e subjetivas, o *Homine* iniciou com 23 integrantes no primeiro dia, alcançando a marca de 575 membros atualmente<sup>4</sup>, expandindo as ações e debates no ambiente digital para encontros presenciais.

Mesmo não sendo um campo de estudo novo, ainda há poucas produções que discutam o tema na perspectiva de gênero, impulsionadas pelo movimento feminista pós-guerra (OLIVEIRA, 2004). Nesse sentido, entendemos as masculinidades como construções históricas e sociais de diferentes posições de masculino e o seu papel na sociedade (CECCHETTO, 2004). Essa perspectiva social dialoga com os estudos *queer*, especialmente a partir de Butler (2018 [1990]), os quais consideram que as noções de gênero que desenvolvemos são baseadas em aprendizados puramente socioculturais, demonstrando que as definições que utilizamos para masculinidade(s) e feminilidade(s) são construtos ideológicos e políticos, ou seja, não essenciais ou constitutivos de qualquer natureza humana.

É nesse contexto de relevância de estudo do tema que se enquadra a criação do grupo. Visto isso, este trabalho tem como objetivo central revisitar as ações e projetos do grupo de masculinidades da Unicamp, considerando como estes dialogam com os estudos de masculinidades desenvolvidos no Brasil e outros projetos sociais e políticas públicas de mesma natureza. Acreditamos, portanto, que principalmente em tempos de desgoverno e desinformação institucionalizada, este trabalho propõe uma tentativa de (re)organização dos afetos entre universidade, saberes, discursos, sujeitos e subjetividades.

Por meio de uma socialização dos conhecimentos e discussões concentrados na esfera científica-acadêmica, esperamos poder promover o compartilhamento de um fluxo de angústias, medos, bloqueios e potencialidades através do encontro e organização de sujeitos engajados na elaboração de novos horizontes sociais para dinâmicas de gênero, sexualidade e suas subjetividades. Pretende-se, dessa forma, elaborar reflexões sobre o que temos construído até então e o que pretendemos desenvolver como projetos futuros a fim de melhor alinhar nossos objetivos e desafios com um amplo cenário de debate sobre masculinidades que vem ganhando espaço e legitimidade em nossa sociedade.

## **1. Gênero e sexualidade: grupos de reflexão e (re)construção identitária**

---

<sup>4</sup> Atualizado em 28 de setembro de 2019.

Como dito anteriormente, neste trabalho assumimos uma perspectiva socioconstrucionista de gênero a partir da teoria *queer* (BUTLER, 2018 [1990]). Isso significa dizer que defendemos um olhar essencialmente cultural para as dinâmicas de gênero e sexualidade. Em outras palavras, nos tornamos o que a sociedade compreende por *homem* e *mulher* devido a convenções específicas que estabilizam os sentidos do que deve ser propriamente *masculino* e *feminino*. Estudiosos do campo da linguagem, gênero e sexualidade (ECKERT; McCONNELL-GINET, 2003) argumentam como essas construções se dão desde os momentos mais prematuros de nossas vidas. As cores e brinquedos que são dispostos por familiares em nossos quartos já são impulsos determinantes e reguladores do gênero. Além do mais, trata-se de um processo de atribuição de sentido subjetivo a elementos objetivos, como aponta Bourdieu (1998). O autor argumenta que a divisão do mundo por meio dessa difusão de olhares subjetivos para características objetivas promove esse falso binarismo de todas as coisas entre *masculino* e *feminino*. Visualizamos, por exemplo, objetos frios e finos como femininos, à medida que os grossos e quentes são necessariamente masculinos.

As comparações não cessam e podem ser transpostas para determinadas escolhas no campo do desejo. Como afirma Butler (2018 [1990]), o desejo é tido e compreendido como essencialmente heteronormativo, não havendo possibilidade de outras manifestações. O paradigma heteronormativo do desejo prescreve, por exemplo, que atrair-se por mulheres significa valorizar suavidade e gentileza; em oposição, gostar de homens implica em valorizar virilidade e rigidez. É importante observar como esse paradigma não necessariamente está restrito a relações heterossexuais, uma vez que ele fala sobre um *binarismo*, o que pode e é comumente reproduzido em relações homossexuais. Isso se dá justamente porque há uma regulamentação e normatização do que significa ser *homem* e ser *mulher*, o que não se dissolve simplesmente ao invertermos uma lógica *heterossexual* para uma lógica *homossexual*. O que está em pauta nessa discussão é: o que *pode* significar ser *homem* e *mulher* para além do que tradicional e comumente prescrevemos?

É sob esses termos que inscrevemos a discussão sobre *masculinidades*. Como indica Oliveira (2004), a ideia de masculinidade se constrói por meio de um elaborado processo sociohistórico de formulação e reforço das características ‘essenciais’ do *homem padrão*. Esse homem procura estabilizar os sentidos relativos a gênero e sexualidade, percebendo a mulher como ser inferior, ou seja, oposta à força e à potência do masculino. Essa construção se dá de maneira extremamente nociva, sustentando práticas violentas de interação entre homens, como aponta Cecchetto (2004). Atualmente, muito se comenta sobre *masculinidade tóxica* e o próprio

prejuízo que essa noção tradicional de masculinidade traz não só para a *mulher*, mas também para a própria subjetividade do homem. Afinal, o endurecimento da noção única e singularizada de *masculinidade* é pautada, como podemos pensar a partir de Butler (2018 [1990]) no reforço de *performatividades* de gênero que (re)produzam constantemente ideais de força, rigidez e poder.

Já que entendemos que o sujeito constrói socialmente gênero e sexualidade e as estabilidades e convenções se dão por estímulos e padrões de comportamento que nos são delegados, cabe a pergunta: onde está o sujeito no meio de tantas regulações e prescrições? Onde e quando se pode efetivamente desejar, amar e existir por entre inúmeras normas e restrições que nos dizem, sem fôlego, como devemos ser? É nesse sentido que escolhemos falar de *masculinidades*, no plural, em consonância com estudos da área (OLIVEIRA, 2015), uma vez que compreendemos e defendemos a multiplicidade de maneiras de existir enquanto *homem*, *mulher* e inclusive outras formas de pensarmos sujeitos e seus corpos. Pensar *masculinidades*, portanto, é colocar em xeque a relação dos homens com seus próprios corpos, *outros* corpos, seus desejos, medos, anseios e processos de subjetivação. Significa problematizar o que entendemos convencionalmente por *masculino* (e até mesmo *feminino*), tecendo um olhar sobre gênero e sexualidade para além do que é prescrito enquanto convenção, mas sim o que preferido e selecionado por nós mesmos, enquanto sujeitos singulares.

### 1.1 Grupos de masculinidades

Nesse sentido, acreditamos que formação de grupos e projetos que se proponham a pensar as questões acima discutidas sobre gênero e sexualidade são extremamente necessários e produtivos para visualizarmos uma sociedade mais justa e igualitária. Oliveira (2015) discute os projetos e ações de políticas públicas brasileiras criadas desde a década de 90 por prefeituras, institutos de saúde e organizações não governamentais. O autor ressalta a importância dessas políticas para a divulgação, legitimação e significação dos estudos acadêmicos sobre masculinidades no Brasil. Oliveira (2015) argumenta que ao passo que os conflitos e tensões sociais são percebidos e elaborados em um domínio científico-acadêmico, as políticas públicas reproduzem esses saberes institucionalizados e os significam em comunidades locais, tendo em vista não só o amplo panorama que as pesquisas costumam apontar, mas especificamente os desafios e problemáticas de seus próprios espaços culturais. Acreditamos que essa interpretação sobre a relação entre políticas públicas e estudos científicos evidencia ainda mais o papel fundamental da criação de grupos que promovam tal reflexão e pensem sobre as subjetividades

masculinas que, em processos de institucionalização, produzem efeitos político-sociais (OLIVEIRA, 2015). Nosso grupo, como iremos descrever a seguir, se propõe a pensar essas questões no contexto da Unicamp, abrindo espaço para a comunidade interna e externa ao meio universitário levantar questionamentos e provocações quanto a gênero e sexualidade.

## 2. *Homine*: história, contextualização e atividades

É no sentido de estabelecer relações entre políticas públicas e estudos científicos com impactos sociais, como discute Oliveira (2015), que se justifica a relevância da criação de grupos que promovem essas discussões e buscam refletir acerca das subjetividades masculinas presentes e atuantes em nossa sociedade. Nesse contexto, compreendendo a importância desses coletivos para uma mudança maior de pensamentos e atitudes, surge o grupo *Homine*<sup>5</sup>.

O grupo foi criado a partir de uma discussão no grupo de *Facebook* da Unicamp, em que foi postada uma reportagem sobre um grupo de masculinidades do Rio de Janeiro<sup>6</sup>. Tal postagem rendeu muito debate na rede social digital e, dentre os comentários, percebeu-se o interesse em comum de se criar um espaço de reflexão, como o retratado na referida reportagem, na Unicamp. Dias depois, outra postagem sobre a mesma reportagem foi feita, já como um incentivo e convite de criação de um grupo local. A partir dessa motivação, observando possíveis integrantes que concordavam com a iniciativa no post, foi criado, no próprio *Facebook*, o grupo privado<sup>7</sup> “Grupo de discussão sobre masculinidades – Unicamp”, que conta com mais de 500 membros e publicações constantes de seus membros.

A princípio, o grupo funcionou como um repositório de textos, temáticas e produções culturais, abrindo espaço para algumas discussões e reflexões focalizadas. Como qualquer membro pode fazer postagens, suscitaram, daí, vários posts e materiais diversos que tinham relação direta ou indireta sobre o tema, desde percepções pessoais e relatos de experiências vividas pessoalmente até indicações de livros e dicas sobre outros grupos semelhantes, para servir de exemplo e inspiração. O grupo, ainda que privado, é aberto para qualquer pessoa entrar, sob aprovação de qualquer membro ali inscrito, incluindo mulheres, fato este que nunca foi um empecilho ou agravante das discussões ali suscitadas e incentivadas.

<sup>5</sup> O nome “*Homine*” foi escolhido em junho de 2019. Sua escolha se deve ao seu significado, por ser o latim de “Homem”.

<sup>6</sup> Disponível em: <[https://oglobo.globo.com/sociedade/grupo-de-homens-se-reune-para-repensar-padroes-de-masculinidade-danosos-23404325?fbclid=IwAR1tGjT3qPzEyRyhv\\_T0LkVGSD3W5quFfeTljKAKUNZJrc3k\\_LS3XCirfaQ](https://oglobo.globo.com/sociedade/grupo-de-homens-se-reune-para-repensar-padroes-de-masculinidade-danosos-23404325?fbclid=IwAR1tGjT3qPzEyRyhv_T0LkVGSD3W5quFfeTljKAKUNZJrc3k_LS3XCirfaQ)>. Acesso em: 21 jun. 2020.

<sup>7</sup> O Facebook permite a criação de grupos sob duas configurações de privacidade: público, em que qualquer pessoa, usuária ou não da rede social, pode visualizar os membros e as discussões estabelecidas ali; privado, em que somente os membros podem ver quem está no grupo e o que é publicado nele.

No entanto, a ideia inicial sempre foi criar um grupo de discussões também em ambientes físicos, não se restringindo ao ambiente *on-line*. O grupo do *Facebook* foi um pontapé inicial para a formalização dos encontros presenciais para a discussão mais aprofundada sobre os temas que eram postados e difundidos na rede social. Por estar inserido em um contexto universitário, a preocupação era encontrar datas estratégicas que contemplassem o maior número de presentes. Sendo assim, intensificamos a divulgação da criação do grupo nas redes sociais antes do início das aulas na Universidade, reforçando o convite no início do semestre letivo.

A primeira reunião ocorreu em março de 2019, buscando pensar e propor um formato de grupo de debate e discussão que pudesse dialogar com as demandas e necessidades do grupo do *Facebook*. A ideia era discutir algum material que tivesse sido postado na rede social digital, como norteador das discussões presenciais, eventualmente seguindo demandas emergenciais e as novidades que se suscitam do diálogo construído presencialmente. Desde então, são realizadas reuniões semanais que procurem refletir sobre uma temática específica por meio de vídeos, podcasts e textos que relatem experiências e problemáticas relativas a feminismo, assédio e paternidade, dentre outros assuntos que emergem das discussões.

Além desses encontros realizados periodicamente, com duração de uma hora, o grupo também já realizou dois cine-debates, nos quais promove-se a exibição de um filme seguido de discussão entre os participantes. O primeiro longa a ser debatido foi “*Handsome Devil*”, que aborda a masculinidade construída no contexto esportivo em uma escola na Irlanda. A escolha do filme se deu em razão da comemoração do mês do orgulho LGBT, temática que também perpassa a história do longa e as discussões do grupo. Tal atividade foi o encerramento das reuniões do primeiro semestre de 2019, no fim de junho. O outro cine-debate foi realizado como abertura dos trabalhos do segundo semestre do ano, com a exibição do filme “*The Mask You Live In*”, um documentário que aborda especificamente o tema de masculinidades e como escondemos nossos sentimentos para tentarmos nos enquadrar no que a sociedade espera de nós, homens.

Além das reuniões presenciais e do grupo do *Facebook*, contamos também com o grupo do *Whatsapp*<sup>8</sup>, para divulgar a agenda de atividades e conversas emergenciais. Também estamos em processo de criação de páginas no *Facebook* e no *Instagram*, como forma de divulgação dos nossos trabalhos e discussões que podemos incentivar nessas redes sociais. A médio /longo prazo, pensamos na criação de um blog, vinculado à plataforma da Unicamp, e

---

<sup>8</sup> Atualmente, o grupo do *Whatsapp* conta com 21 participantes. (Atualizado em 28 de setembro de 2019)

outras mídias para produção de conteúdo próprio. Acreditamos que iniciativas como essa podem promover reflexões com potencial impacto social- uma das vertentes defendidas no midiativismo (BRAIGHI; CÂMARA, 2018). Além disso, objetivamos expandir nossas redes de contato e atuação, visando promover maior divulgação de nossas ações e o diálogo mais efetivo entre essas atitudes no ambiente universitário em consonância com as demandas sociais.

### Considerações finais

Apresentamos, nesse relato, o histórico e a criação do grupo *Homine*, uma iniciativa pioneira na Unicamp, que visa promover discussões e reflexões sobre as mais variadas masculinidades existentes em nossa vivência. Apesar de conseguirmos muito apoio *on-line* e divulgação espontânea de membros e de outras pessoas que tomam conhecimento do grupo, encontramos dificuldades no número de adeptos nas reuniões presenciais. Atualmente, o grupo é coordenado por três pessoas<sup>9</sup> e, não raro, as reuniões contam com apenas cinco participantes - incluindo nós, coordenadores. Procuramos sanar essa lacuna com a ampliação da divulgação de nossos encontros e ações, mas, ainda assim, acreditamos que possa haver outros motivos que impedem a procura ativa de homens para nossos encontros, relacionados exatamente ao que buscamos combater e refletir: a masculinidade tóxica que impõe certa normatividade de atitudes e a negação da necessidade de ajuda e mudanças de comportamentos.

Para além dessas discussões e reflexões internas, intenciona-se, também, a promoção de eventos acadêmicos e sociais para discutir o tema de forma mais abrangente e uma possível proposta de elaboração de política pública no âmbito institucional na universidade e para fora dela. Acreditamos que, assim, a universidade pública consegue promover o diálogo e o trabalho em conjunto com a sociedade na qual se insere, tendo nesses eventos e políticas um importante aliado na divulgação científica e disseminação cultural.

### Referências

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. O que é midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). *Interfaces do midiativismo: do conceito à prática*. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 25-42.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018 [1990].

---

<sup>9</sup> Os três autores deste artigo são os coordenadores do grupo. Recentemente, um dos integrantes, Gabriel Cavalcanti, está em intercâmbio. Contamos, atualmente, com a entrada de um novo coordenador, o doutorando em Linguística Filipo Figueira, que orienta suas pesquisas sobre masculinidades e humor.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010 [1998].

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

ECKERT, Penelope; McCONNELL-GINET, Sally. *Language and gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

OLIVEIRA, Fábio Araújo. *Historicização e institucionalização das masculinidades no Brasil*. 2015. Tese (doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270488>>. Acesso em: 21 jun. 2020.